

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

O Midas Goiano¹

Elizabeth Caldeira Brito²

Pablo Picasso escreveu: “Há pessoas que transformam o sol numa simples mancha amarela, mas há aquelas que fazem de uma simples mancha amarela o próprio sol”. Assim era José Mendonça Teles. De um problema administrativo no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás conseguiu um grande feito. Devido a uma fatura vencida de energia elétrica, construiu uma nova sede para a tradicional instituição que presidia. Ao apresentar o débito à Prof^a. Terezinha Vieira dos Santos, então secretária Estadual de Educação, na Gestão do Governador Maguito Vilela, ela ofereceu a possibilidade de construção de uma nova sede para a Instituição. Um novo e amplo espaço foi iniciado. Sua conclusão foi realizada na gestão do Governador Marconi Perillo, com o apoio do Dep. Federal Vilmar Rocha.

Devido às grandes realizações de Mendonça Teles, frente às instituições culturais goianas, o escritor Bariani Ortencio refere-se à ele como “O Midas de Goiás”, pois “ao seu toque tudo se

¹ Texto publicado no livro *José Mendonça Teles: o semeador de futuros*. 2019.

² Elizabeth Abreu Caldeira Brito é Sócia Titular do IHGG e sua 3ª vice-presidente. É Mestra em Letras e Críticas Literárias pela PUC- GO, Professora e Psicóloga pós-graduada, Sócia Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (onde é 3ª vice-presidente). Acadêmica da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (onde é 1ª vice-presidente) e da Academia de Letras do Brasil. É “*Doctor Honoris Causa*” pela República del Perú e Universidad Peruana de Ciências e Informática. É autora de 16 obras, (6 orgs). Foi articulista semanal do jornal *Diário da Manhã* por 3 anos. Manteve a página *Oficina Poética*, de 2012 a 2019. Foi Presidente do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de Goiânia. É ex-conselheira do Conselho Municipal de Cultura de Goiânia

transforma em ouro”, numa referência ao mito do Rei Midas, sem porém caracterizá-lo com a ganância humana da qual está associada a mística história do Rei e suas peripécias para satisfazer sua luxúria. Ao Mendonça Teles era creditado o privilégio das bem sucedidas empreitadas frente à tudo o que comandava. Foi assim com a Academia Goiana de Letras, onde foi seu presidente por mais de dez anos e com o IHGG que presidiu, também, por mais de uma década.

O pesquisador, cronista e historiador José Mendonça Teles foi um dos maiores defensores do Patrimônio histórico e artístico de Goiás. Coordenador do *Projeto Resgate*, conseguiu trazer, do Arquivo Ultramarino de Lisboa, a documentação histórica de Goiás referente ao período de 1750 a 1822. Recebeu inúmeras medalhas e comendas do Governo do Estado de Goiás pelos serviços em prol da cultura goiana. Detentor da Medalha João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras, recebeu, ainda, o título de *Doutor Honoris Causa* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, onde lecionou por mais de 30 anos. É o autor de mais de 30 obras e da letra do 2º Hino oficial de Goiás, cuja melodia é do maestro Joaquim Jaime.

A letra do Hino de Goiás é uma ode ao Estado que tanto recebeu de seu ilustre filho. O novo hino foi oficializado em 12 de setembro de 2001 pelo governador Marconi Perillo. Eis a letra:

HINO DE GOIÁS

Santuário da Serra Dourada

natureza dormindo no cio,

Anhanguera, malícia e magia,

bota fogo nas águas do rio.

Vermelho, de ouro assustado,

foge o índio na sua canoa.

Anhanguera bateia o tempo:

- Levanta, arraial Vila Boa!

Terra querida,

fruto da vida,

recanto da paz.

Cantemos aos céus, /

O Midas Goiano
Elizabeth Caldeira Brito

regência de Deus, / Bis

louvor, louvor a Goiás! /

A cortina se abre nos olhos,

outro tempo agora nos traz.

É Goiânia, sonho e esperança,

é Brasília Pulsando em Goiás!

O cerrado, os campos e matas,

a indústria, gado, cereais.

Nossos jovens tecendo o futuro,

poesia maior de Goiás!

Terra querida,

fruto da vida,

recanto da paz.

Cantemos aos céus, /

regência de Deus, / Bis

louvor, louvor a Goiás! /

A colheita nas mãos operárias,

benze a terra, minérios e mais:

- O Araguaia dentro dos olhos,

eu me perco de amor por Goiás!

Terra querida,

fruto da vida,

recanto da paz.

Cantemos aos céus, /

regência de Deus, / Bis

louvor, louvor a Goiás! /

A exemplo de Miguel de Cervantes, que, no século XVII apresenta-se em autorretrato, no livro *Novelas Exemplares*, José Mendonça Teles, também se mostra no livro *Amor Diário*, com o poema:

RETRATO 3X4

Falar de mim, você me pede.

Então vá lá, querida, anote:

canhoto, nem baixo, nem alto,

sofrido coração, decifra o mote.

Meus olhos castanhos e claros,

poeta, um sentimentalista.

Amo as mulheres, quem não as ama?

Faço minhas artes, sem ser artista.

Meu fraco é a noite, de estrelas,

e o eterno amor, com muita ânsia.

- Um menino grande buscando

a eternidade da infância.

Sou assim, nada vai mudar.

O destino espalmado na mão.

- Um romântico inveterado

acasalando enorme coração.

No prefácio do livro *Encantamento*, a crítica literária Nelly Alves de Almeida sentenciou: “Contista, historiador, cronista, José Mendonça Teles mostra-nos, agora, nova face: é também poeta e faz-nos ver que, para ele, a poesia é necessidade inerente à sua alma de inspirado.” E ainda: “Sua arte define-se como catarse, que lhe traz a sensação de realizá-la plenamente e, nesse estágio, sabe engrandecer sua força expressiva.”

Ezra Pound, citada por Nelly, na referida obra afirma: “*A mais condensada forma de expressão verbal, a boa poesia, faz-se pela escolha das palavras que lhes exaltam a forma e condensam a mensagem.*” Diante disso, Nelly ratifica que Mendonça Teles consegue expor seu pensamento poético com simplicidade, cumplicidade e inquietação no seu tempo presente, que vislumbra uma única direção: ao futuro incerto, ou seja, ao fim eminente, como no poema

RETORNO

...Dormi dormindo acordado
com os olhos abertos no tempo
Voltei nas asas das horas
e chorei a velhice da infância.

O crítico literário José Fernandes, no prefácio de *Quando os Flamboyants Florescem* confia: “*A imagem é cifra da condição humana*”. Ele afirma que é por meio da imagem que a literatura consegue revelar conflitos inerentes à condição humana. O escritor ressalta que: é assim com a poesia moderna contemporânea de qualidade. E finaliza: é da mesma forma com a produção poética de Mendonça Teles, nela a condição humana é permeada pelo tempo e pela força do ser. Para ele o tempo é o mediador das horas, à medida que passa, suga os pedaços do ser, fragmentados ao longo do caminho. Pedaços que podem ser recuperados metafisicamente, quando eternizados pela palavra poética. Como bem demonstrado em:

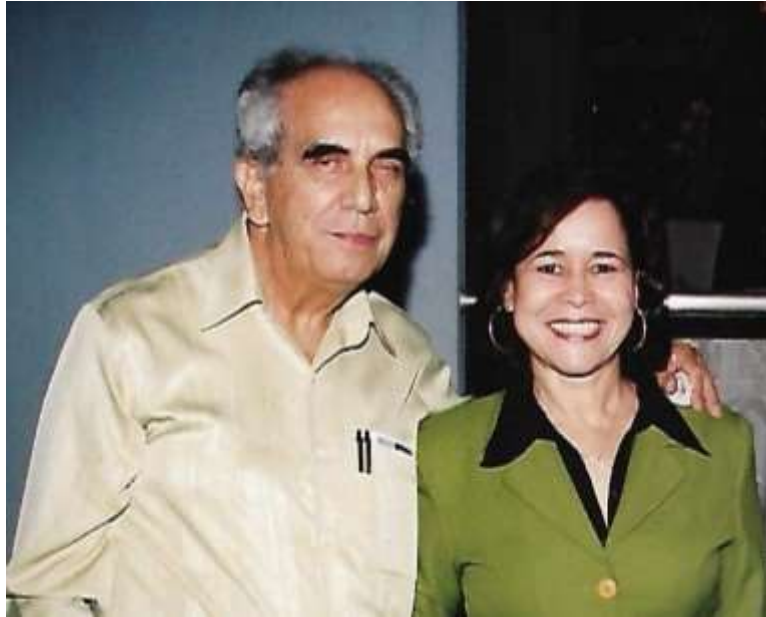
CONTEMPLAÇÃO

Olhei fundo nos meus olhos,
vi que o tempo
tem um fim.
Fui lá dentro
chorar a infância.
- Fechei a porta de mim.

O poeta contemporâneo, um dos mais expressivos do Rio Grande do Sul, Oscar Bertholdo (1935 – 1991), descreveu a verve lírica de Mendonça Teles: “*...Em todos os seus poemas há uma poesia de transparência, você escreve sem pretensões de massacrar. Tudo espontâneo. Poesia que chega de mansinho e que não sai da gente.*”

No dia 06 de maio de 2018, na 326ª edição da página *Oficina Poética* do jornal *Diário da Manhã*, espaço idealizado e coordenado por mim, dedicado às artes líricas e pictóricas; publiquei fragmentos do texto a seguir, sob o título “*Réquiem para José Mendonça Teles*”. Essa homenagem, à sua memória, foi subsequente ao seu falecimento, ocorrido no dia 28 de abril daquele ano.

Figura 1. José Mendonça Teles e Elizabeth Abreu Caldeira Brito no IHGG - 2005



Fonte: Fotografia de Nelson Santos. Acervo da autora.

O cantor e compositor Caetano Veloso, na música *Cajuína*, gravada em 1979 para o disco *Cinema Transcendental*, poetiza a beleza e os mistérios da vida e da morte, especialmente quando o suicídio marca o fim de uma existência. A morte súbita do amigo, poeta Torquato Neto, que se suicidou em 1972, inspirou a composição. Na melodia, em oito versos, o cantor baiano, indaga: “*Existirmos: a que será que se destina?*”.

Para José Mendonça Teles, existir, sabemos a que se destinou. O seu destino foi dedicar-se, com obstinação e leveza, ao labor da cultura, da arte, da história, da literatura, da poesia, da pesquisa, das instituições culturais (presidiu as principais do estado), do patrimônio goiano e de nossa goianidade

Para ele, o existir destinou-se a cultivar os amigos e a agradecer a vida; a tocar sua gaita e solfejar canções, a abrir caminhos, tombar bens e a resgatar histórias quase perdidas. Vide os “Rolos Compressores” usados para compactar as ruas da nova capital, Goiânia. Os dois Rolos, atualmente, compõem um importante monumento nos jardins do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, instalado para homenagear a construção da capital do estado.

O historiador e cronista José Mendonça dedicou-se, ainda, a registrar suas narrativas e a criar novos temas; a amar nossa cidade e a idolatrar o Bairro de Campinas, berço de suas peraltices de infância e de sua mocidade brejeira. Dedicou-se a poetizar as musas de seu imaginário lírico e as demandas culturais goianas; a se encantar com Aruanã e a defender o Rio Araguaia das atrocidades causadas pelo homem e a criar letras de Hinos que cativam os goianos (além do Hino de Goiás, é o autor do hino Atlético Clube Goianiense – seu amado time rubro negro).

O existir de José Mendonça destinou-se ao zelo da família. Não só com o seu núcleo familiar, mas, também, com todos os parentes e amigos que a ele se reportassem em busca de apoio e auxílios. Dedicava à quem pedia, os conselhos de quem sabe o que diz, quando dizer e quando fazer do caos o humor característico de sua verve traquina.

Mendonça orgulhava-se de sua goianidade. Na prosa/poética *Ser goiano* ele divaga:

Ser goiano é saber cantar música caipira e conversar com Beethoven, Chopin, Tchaikovsky e Carlos Gomes. É acreditar no sertão como um ser tão próximo, tão dentro da alma [...] Ser goiano é saber fundar Cidades. É pisar no Universo sem tirar os pés deste chão parado. É cultivar a goianidade como herança maior. É ser justo, honesto, religioso e amante da liberdade.

Fará falta o poeta, escritor, historiador, cronista, ensaísta Professor *Doutor Honoris Causa* e amigo José Mendonça Teles. Não só a sua voz poética era espontânea. Ele, também, o era. Sua verve lírica, sua história e sua presença de luz, não se esmaecem naqueles que o conheceram. Ele nos deixou heranças de permanências, não só por seus livros, que conservam memórias e poesias, como também na presente lembrança de sua imagem dinâmica, solidária, sensível, sincera e traquina. O escritor-historiador Mendonça Teles matizou sua vida com serenidade, humor e iniciativas. Converteu-a em bela experiência regada a inúmeros amigos e grandes realizações. Sua existência está eternizada nas retinas, na memória e no tempo, de quem teve a alegria e o privilégio de sua contemporaneidade. Esses que aqui estão compartilham o instante, enriquecido de lembranças da efêmera e fugaz existência (porque toda a vida é curta e provisória) de José Mendonça Teles, entre nós.

Assim sendo, no que diz respeito à pergunta na melodia *Cajuína* de Caetano Veloso, com relação ao *Midas* José Mendonça Teles, bem sabemos o seu existir a que se destinou...

Até breve, Professor!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Elizabeth Caldeira. *Permanências*. Goiânia: Kelps/UCG, 2009.

CERVANTES, Miguel de. *Novelas Exemplares*. Trad. Darly Nicolana Scornnarenchi. São Paulo: Ed. Boa Leitura, 1971.

Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (org.). *José Mendonça Teles: o semeador de futuros*. Goiânia: Kelps, 2019.

TELES, José Mendonça. *Encantamento*. Goiânia: Kelps, 1985.

_____. *Quando os flamboyants florescem* – 2ª Ed. Goiânia: Ed. do autor, 1989.

_____. *Amor / Diário*. 3ª Ed. Goiânia: Kelps / UCG, 2005.